

UMA PEQUENA VIAGEM PELA HISTÓRIA DA HOMOSSEXUALIDADE MASCULINA HUMANA: NAS PÁGINAS DA BÍBLIA, NA SUMA TEOLÓGICA E EM SITES DE NOTÍCIAS

A SHORT JOURNEY THROUGH THE HISTORY OF HUMAN MALE HOMOSEXUALITY: IN THE PAGES OF THE BIBLE, IN THE SUMMA THEOLOGIAE AND ON NEWS WEBSITES

UN BREVE RECORRIDO POR LA HISTORIA DE LA HOMOSEXUALIDAD MASCULINA HUMANA: EN LAS PÁGINAS DE LA BIBLIA, EN LA SUMMA THEOLOGIAE Y EN LOS SITIOS WEB DE NOTICIAS

Giácomo de Carli da Silva¹ 

Resumo: O artigo apresenta em seu escopo uma breve revisão da história da homossexualidade masculina humana. A pesquisa utilizou-se de uma abordagem qualitativa e tentou responder a questão: a Bíblia Sagrada, como representante das palavras de Deus, discrimina e condena a homossexualidade masculina (os gays)? Para tanto, mergulhou-se em trechos do mais importante livro para o catolicismo, a Bíblia Sagrada, em trechos de um filme com temática LGBTQIAPN+ (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais, Queer, Intersexual, Assexual, Pan/Polissexuais, Não Binários e demais expressões de gênero e sexualidade humanas simbolizadas pelo “+”). A pesquisa objetivou trazer um recorte da história da homossexualidade masculina humana, transpassando brevemente pela história da Bíblia Sagrada Cristã e em matérias jornalísticas sobre a questão da homossexualidade dentro da Igreja Católica Apostólica Romana. Por fim, a pesquisa não conseguiu afirmar com certeza se a Bíblia e artigos a ela relacionados discriminam ou condenam as práticas homoeróticas entre homens, mas conseguiu traçar um paralelo entre os indivíduos que escreveram a Bíblia Sagrada e suas respectivas épocas de existência.

Palavras-chave: Igreja Católica Apostólica Romana; Homossexualidade; História; Humanidade.

Abstract: The article presents in its scope a brief review of the history of human male homosexuality. The research used a qualitative approach. and tried to answer the question: the Holy Bible, as a representative of God's words, discriminates against and condemns male homosexuality (gays)? This was done by delving into excerpts from the most important book for Catholicism, the Holy Bible, and excerpts from an LGBTQIA+ (Lesbian, Gay, Bisexual, Transgender, Queer, Intersex, Asexual, Pan/Polisexual, Non-Binaries and other expressions of human gender and sexuality) themed film. As a goal, the research aimed to bring a clipping of the history of human male homosexuality, briefly going through the history of the Christian Holy Bible and in news reports on the issue of homosexuality within the Roman Catholic Church. Finally, the research was not able to state with certainty whether the Bible and related articles discriminate or condemn homoerotic practices among men, but it was able to draw a parallel between the individuals who wrote the Holy Bible and their respective eras of existence.

Keywords: Roman Catholic Church; Homosexuality; History; Humanity.

Resumen: El artículo presenta en su ámbito una breve revisión de la historia de la homosexualidad masculina humana. La investigación utilizó un enfoque cualitativo. e intentó responder a la pregunta: la Santa Biblia, como representante de la palabra de Dios, discrimina y condena la homosexualidad masculina (gays)? Para ello, profundizó en extractos del libro más importante para el catolicismo, la Sagrada Biblia, en extractos de una película de temática LGBTQIA+ (Lesbianas, Gays, Bisexuales, Transexuales, Queer, Intersexuales, Asexuales, Pan/Polisexuales, No-Binario y otras expresiones del género y la sexualidad humana). Como objetivo, la investigación se propuso traer un recorte de la historia de la homosexualidad masculina humana, pasando brevemente por la historia de la Santa Biblia cristiana y en informes periodísticos sobre el tema de la homosexualidad relacionados discriminan o condenan las prácticas homoeróticas entre los hombres, pero pudo trazar un paralelismo entre los individuos que escribieron la Santa Biblia y sus respectivas épocas de existencia.



¹ Doutorado pelo Programa de Pós-graduação em Diversidade Cultural e Inclusão Social – Universidade Feevale. professorgiacomodecarlidasilva@gmail.com

Palabras clave: Igreja Católica Romana; Homossexualidade; Historia; Humanidad.

Introdução e Considerações Iniciais

De início é importante comunicar ao leitor que, para este trabalho, o autor não leu a Bíblia Sagrada Cristã totalmente. De fato, fez uma rápida pesquisa na *Internet* sobre as passagens onde se fala sobre a homossexualidade masculina nesse famoso e histórico livro da e para a humanidade, incluindo os Apóstolos/Tempos/Livros, Capítulos e Versículos que mencionam esse tema.

Dessa forma, o autor lançou o termo “Homossexualidade na Bíblia” na barra de pesquisas do site de buscas *Google*, e encontrou o site “www.bibliam.com”, no dia 25 de dezembro de 2022. Após a leitura nesse site, selecionou algumas passagens depois de confrontar o conteúdo desse referido site com a Bíblia, que foi utilizada (de 1984) em dois sacramentos que recebera na Igreja Católica Apostólica Romana no Brasil, isto é, a 1ª Eucaristia/Comunhão, em 2005, e a Crisma, em 2008, quando o próprio autor já sabia que gostava de meninos/rapazes.

Assim, apresentam-se as passagens bíblicas selecionadas pelo autor e algumas mais, por meio de leituras que ele fez dos versículos seguintes aos versículos achados na *internet* e, também, por meio de um trecho do filme estadunidense “Prayers for Bobby”, de 2009 (Mulcahy, 2009), cujo título foi traduzido para o português do Brasil como “Orações para Bobby”, e para o português de Portugal como “Rezando para Bobby”.

A presente pesquisa teve abordagem de cunho qualitativo (Minayo, 2002), por se preocupar justamente com a qualidade dos dados coletados e os significados desses. E teve como método a pesquisa bibliográfica (Gil, 2002), por ter se focado na pesquisa de livros e artigos *on-line* para fundamentar sua análise final. Como objetivo, a pesquisa propôs trazer um recorte da história da homossexualidade masculina humana, transpassando brevemente pela história da Bíblia Sagrada Cristã. Ante o exposto, lança-se a pergunta: a Bíblia Sagrada, como representante das palavras de Deus, discrimina e condena a homossexualidade masculina (os gays?)

Bíblia Sagrada e a Igreja Católica

A palavra “Bíblia” foi criada no século IV d.C por João Crisóstomo, que era o patriarca de Constantinopla, para se referir à coleção dos livros sagrados dos Judeus. Assim, essa coleção era denominada de “Bíblia” ou de “Os Livros” (Leon, 2020).

Os primeiros cristãos nos cinco séculos após a vida de Cristo não tinham livre acesso à “Vida de Cristo”. Assim, esses cristãos obtinham tais informações por meio de pequeninos panfletos que circulavam de mãos em mãos. Esses panfletos eram copiados e recopiados em grandes quantidades, fazendo com que qualquer traço de verdade da vida de Cristo fosse perdido com o passar do tempo (Leon, 2020, p. 17).

Dessa forma, isso aponta na direção de que a Bíblia Sagrada Cristã que conhecemos hoje, de fato, foi escrita por pessoas que conheceram Jesus Cristo pessoalmente em vida (exceto o evangelista Lucas que viveu, em parte, à época de Cristo, mas que não o conheceu pessoalmente), mas os ensinamentos foram passados adiante ao longo dos séculos, tanto de forma escrita quanto de forma oral. Logo esses ensinamentos sofreram o efeito “telefone sem fio”, ou seja, o texto original, escrito e/ou falado por aqueles que efetivamente conheceram Jesus Cristo e reproduziram suas palavras e ensinamentos (tais como os evangelistas: Pedro; Tiago; João; André; Filipe; Judas Iscariotes; Mateus; Tomé; Tiago, filho de Alfeu; Bartolomeu; Judas Tadeu; e Simão, o Zelote, que fizeram parte de seu séquito de doze apóstolos), foi sendo modificado ao longo do tempo, do espaço e do contexto, sendo assim, não podendo se comprovar a sua autenticidade. Em função disso, a cada geração futura o que foi passado adiante, as palavras, frases e contextos originais desses ensinamentos foram se perdendo e sendo interpretados ao gosto de quem os copiava de uma geração anterior à próxima. Essa interpretação inclui o contexto sociocultural das respectivas épocas e locais em que essas pessoas que reproduziram os ensinamentos de Cristo encontravam-se inseridas, ou seja, a cultura influenciava na interpretação.

Explicado isso, o Livro de Gênesis, sendo o inicial, narra, sob o prisma de vista do criacionismo judaico-cristão, origens do mundo, do gênero humano, do povo hebreu, tudo relacionado com Deus, com

sua revelação, com seu culto (Dalbosco, 1984, p. 24).

Em Gênesis, no seu capítulo 19, retrata-se uma das localidades destruídas por fogo e enxofre por conta dos pecados cometidos naquela cidade chamada Sodoma. Um desses pecados era a sodomia, caracterizada pela prática do sexo anal entre homens. Em muitos casos, aconteciam estupros de homens por outros homens, como é possível de se constatar nos versículos 5 ao 7 do capítulo 19 de Gênesis. A saber:

E chamaram por Lot, e disseram-lhe: Onde estão aqueles homens que entraram em tua casa ao cair da noite? Faze-os sair para que os conheçamos. Saiu Lot, fechando nas suas costas a porta e disse-lhes: Não queirais, vos rogo, meus irmãos, fazer este mal (Livro do Gênesis, Capítulo 19, versículos 5 ao 7 *apud* Dalbosco, 1984, p. 42).

A intenção daqueles homens de abusar sexualmente daqueles dois homens que Lot havia abrigado em sua casa e que eram dois anjos vindos do céu para Sodoma se confirma no versículo seguinte (8), quando Lot oferece suas filhas para serem violentadas sexualmente por aqueles homens, para que não cometam a maldade de violentar os dois homens a quem estava oferecendo abrigo. Os mesmos homens que tinham a intenção de violentar os anjos (que eles pensavam ser homens comuns, forasteiros) não aceitaram e foram punidos pelos dois anjos com a cegueira, conforme narram os versículos 10 e 11 do mesmo capítulo.

Contudo, o autor, padre católico e teólogo estadunidense Daniel Helminiak, em sua obra “O que a Bíblia realmente diz sobre a homossexualidade”, publicada no mesmo ano de nascimento do autor desse artigo (1994), apresenta uma interpretação interessante e diferente do porquê os dois anjos foram enviados por Deus a Sodoma. Na interpretação de Helminiak (1994), o crime cometido por seus habitantes não seria as práticas homoeróticas entre homens, mas o fato de ser considerado inadmissível que forasteiros, quando chegassem a uma cidade como Sodoma, não fossem acolhidos de forma amigável, já que a cidade era guardada por fortes portões que impediam a entrada de estranhos. Logo, a punição dos anjos não tinha a ver com as práticas homossexuais entre seus habitantes, e sim com a falta de hospitalidade aos forasteiros, considerada conduta gravíssima na época. Nesse exemplo, fica evidente a necessidade de explicar a interpretação de certas passagens da Bíblia, levando-se em conta o significado e a contextualização de um acontecimento na respectiva época.

Voltando à Bíblia, o segundo livro a se revisitar nesse artigo é o livro de Levítico, o qual trata quase que exclusivamente dos deveres sacerdotais, podendo ser comparado ao detalhamento de um ritual (Dalbosco, 1984, p. 116). No Capítulo 18, versículo 22, está escrito que os homens não devem se aproximar de outro homem como se fosse mulher, porque é uma abominação (Dalbosco, 1984, p. 134). Já no capítulo 20, versículo 13 de Levítico, aponta-se uma punição para dois homens que ousarem se amar e terem ambos relações sexuais um com o outro. Segue: aquele que pecar com um homem, como se ele fosse uma mulher, ambos cometerão uma coisa execranda, que sejam punidos de morte; o seu sangue caia sobre eles (Dalbosco, 1984, p. 136).

Retornando ao Gênesis (Dalbosco, 1984), o Livro de Juízes – que narra as empresas dos beneméritos libertadores do povo eleito, por assim dizer, é uma coleção de 12 memórias dos diversos heróis (Dalbosco, 1984, p. 242) – o capítulo 19, versículos 22 e 23, traz uma passagem semelhante a que ocorrera em Sodoma com os dois Anjos. Segue-se:

Enquanto comiam, e, fadiga da viagem, restauravam os seus corpos com a comida e bebida, chegaram uns homens daquela cidade, filhos de Belial (isto é, sem jugo), e, cercando a casa do velho, começaram a bater à porta, gritando ao dono da casa, e dizendo: Deita cá para fora esse homem, que entrou para tua casa, a fim de abusarmos dele. O velho saiu fora a ter com eles, e disse: Não queirais, irmãos, não queirais cometer semelhante maldade; porque eu hospedei este homem em minha casa; e deixai-vos desta loucura (Livro do Juízes, Capítulo 19, versículos 22 e 23 *apud* Dalbosco, 1984, p. 263).

Em seguida, no versículo 24 do mesmo capítulo e livro, apresenta-se a mesma situação de Gênesis. Porém, aqui em Juízes, ao invés de ser mais de uma filha oferecida para a barbárie (estupro), é apenas uma filha para não cometer com aquele homem tamanho crime contra a natureza (Dalbosco, 1984, p. 263). A diferença é que em Juízes, os homens aceitam estuprar a mulher do homem por eles desejado, tendo a esposa sido ofertada pelo próprio marido.

É possível observar que o “crime contra a natureza” não é pelo fato de o estupro de homens por outros homens ser um ato terrível, mas sim, pelo fato de que relações sexuais entre homens eram consideradas um pecado mortal diante dos olhos de Deus.

No mesmo sentido, em Romanos – que tem por objetivo apresentar o Evangelho de Cristo (Dalbosco, 1984, p. 1219) – os versículos 21 ao 27 do capítulo I fazem menção assim como outras passagens da Bíblia não citadas aqui, aos crimes contra a carne, ignomínia e o uso natural das relações sexuais (homem com mulher), para usos contra a natureza, como sendo práticas não aceitáveis por Deus (Dalbosco, 1984, p. 1233-1234).

Na continuação de Romanos, em seu capítulo 12, versículos 1 e 2, a menção é para que os seres humanos reconheçam a vontade de Deus. Como seria essa vontade? Boa, agradável e perfeita (Dalbosco, 1984, p. 1244). Fazendo com que a prática sexual entre homens, bem como entre mulheres, seja considerada inaceitável.

A última passagem bíblica abordada com esse tema no presente artigo trata-se do livro de Efésios que nada mais é que a carta do apóstolo Paulo aos Efésios (Dalbosco, 1984, p. 1278), onde está expresso novamente o pecado da carne (desejos), sendo assim, quem os comete, filhos da ira. Contudo, Deus, por ser generoso, perdoa quem comete esse pecado.

Tendo revisado e analisado os versículos da Bíblia, do século I ao século V da Era Cristã, observa-se que estava em prática o “Beijo Santo”, que era dado na boca. Esse beijo que era feito tanto entre homem e mulher, como entre mulheres e entre homens, tinha o objetivo de transmitir o Espírito de Cristo dentro das comunidades (Velloso, 2011, p.70-71). Porém, esse beijo não perdurou até os dias atuais. No entanto, esse tipo de beijo não tinha conotações eróticas e não era interpretado como um beijo entre pessoas do mesmo sexo com intenções prazerosas ou que pudesse significar interesse sexual. Talvez se possa especular – mesmo que entre os séculos I e V d.C., que ainda não havia ocorrido o concílio de Latrão, onde se passou a encarar a prática homossexual como algo inatural e que será abordado no próximo parágrafo – sobre alguns homossexuais masculinos terem usado esse tipo de situação para beijar outros homens, pois esse comportamento era sancionado pela Igreja Católica.

Diferente do “Beijo Santo” que não perdurou, temos ainda na história milenar da Igreja Católica e ainda na história recente e atual, a defesa do celibato para os padres, isso significa uma forma livre de se viver no que tange as relações afetivas individuais, com um coração indiviso. É um ato de entrega de si ao Reino de Deus (Santos Junior, 2021). Sendo assim, não era permitido aos padres constituírem família. Contudo, até o século XII, ou seja, até os dois famosos concílios de Latrão de 1123 d.C. e 1139 d.C., padres podiam constituir famílias. A partir dos concílios de Latrão do século XII d.C., ficou decretado pela Igreja Católica que padres não poderiam mais se casar, com o argumento de que a vida conjugal poderia atrapalhar o sacerdócio (Veiga, 2018). Também o celibato dos padres foi uma forma que a Igreja Católica encontrou para garantir que esposa e prole dos homens religiosos não tivessem acesso a bens da igreja, para não brigarem por heranças ou pensões.

Em contraponto a isso, ser celibatário, ou seja, dedicar-se única e exclusivamente ao sacramento da Ordem (dado a quem se torna padre ou freira), não quer dizer que não se possa voltar atrás. De acordo com o Movimento Nacional das Famílias dos Padres Casados, mais de 7 mil padres brasileiros solicitaram à Igreja Católica as suas respectivas dispensas e largaram a batina para constituírem família, até 2018 (Veiga, 2018). Na mesma situação, segundo a Revista *La Civiltà Cattolica* de Roma (Itália), esse número supera 60 mil em todo o mundo.

Sabe-se que existem padres gays, mas que esses têm receio de renunciar ao celibato e assumir sua sexualidade e constituir uma família homoafetiva, de acordo com recortes de reportagens jornalísticas a seguir. É o que afirma a matéria “O tabu da homossexualidade entre os padres”, publicada em 2021, pela Revista *Veja* no Brasil.

Durante dois meses, VEJA ouviu padres, estudiosos e ex-seminaristas dispostos a romper o silêncio sobre um tema que é tabu — reflexo do barulho que anda fazendo uma corrente ainda incipiente do clero empenhada em tirar o assunto das sombras. Alguns assumem sua sexualidade. A maioria, porém, preferiu o anonimato, por medo de represálias. Todos foram unânimes em afirmar que mais da metade do clero, no Brasil e fora dele, é homossexual e vive angustiada pelo que vê como um pecado não confesso, frequentemente traduzido em depressão e até pensamentos suicidas. “Passei mais de dez anos acreditando que minha homossexualidade era uma manifestação do demônio”, diz Flávio (o nome foi alterado a pedido), 43 anos, padre de uma paróquia conservadora no estado de São Paulo. “Ficava horas fazendo orações de exorcismo, buscando curas, batendo no pênis para me punir. Só me aceitei

como sou depois de muita terapia.” O religioso continua a manter em sigilo sua vida pessoal e teme ser descoberto. “É um drama constante. Ao mesmo tempo que aprendi a amar quem sou, tenho medo de ser rejeitado pela Igreja e pela comunidade”, desabafa (Ferraz; Braun, 2021, s/p).

Sobre as consequências de se assumir um padre *gay*, a revista ainda complementa sobre perseguições que esses sacerdotes sofreram por tal ato dizendo que a apreensão é compreensível — os poucos padres que se declararam *gays* no passado foram perseguidos e afastados pelo Vaticano (Ferraz; Braun, 2021).

Na sequência, a mesma matéria traz o exemplo de dois sacerdotes que se assumiram *gays* e as consequências a que esses foram submetidos:

O primeiro sacerdote de alto escalão a tomar essa atitude foi o polonês Krzysztof Charamsa, que atuava na poderosa Congregação para a Doutrina da Fé quando decidiu se revelar homossexual, em uma entrevista em 2015. “Fui proibido de exercer o ministério e de lecionar teologia, mas nunca houve um julgamento, nem tive a oportunidade de me defender”, disse Charamsa a VEJA (...). O irlandês Bernárd Lynch decidiu se assumir *gay* perante seus superiores na década de 80, quando integrou um movimento de combate à aids em Nova York, e igualmente acabou sumariamente afastado de suas funções. “Fui removido da minha paróquia e deixei de receber auxílio financeiro. Mas continuo atuando como padre”, conta Lynch, que, aos 74 anos, mora com o parceiro em Londres e comanda grupos de apoio a católicos da comunidade LGBT (Ferraz; Braun, 2021, s/p).

A mesma matéria jornalística traz ainda a opinião do Papa Francisco (atual chefe de Estado do Vaticano e líder mundial da Igreja Católica Apostólica Romana), emitida em sua viagem de retorno do Brasil, por ocasião da Jornada Mundial da Juventude em 2013, da qual o autor desse artigo participou com o seu grupo de jovens da Igreja, levando peregrinos do norte da Argentina (país de origem do atual Papa) em eventos e locais turísticos e religiosos nas cidades de Esteio, São Leopoldo e Porto Alegre, no estado do Rio Grande do Sul – Quando indagado sobre os *gays*, disse o Papa: “quem era ele para julgar?”. Segundo a continuidade dessa matéria, o Papa mais recentemente defendeu a criação de Leis para facilitar a união de pessoas do mesmo sexo, porém, apenas a união civil. Essa sua declaração fez com que o Vaticano fosse a público dizendo que não foi bem o que o Papa quis dizer (Ferraz; Braun, 2021). Observa-se uma contradição dentre o que seria a opinião do sumo pontífice e a cúpula da Igreja Católica do Vaticano.

Infelizmente, ainda há o estigma social de que os padres *gays* são automaticamente pedófilos, tornando, assim, a vida de muitos padres que gostam de homens mais temerosos, caso descubram seus relacionamentos amorosos. Conforme a matéria da mesma revista Veja menciona: “Muitos padres *gays* temem ser associados a crimes que não cometeram”, afirma um sacerdote orientado pelos superiores a manter a identidade oculta (Ferraz; Braun, 2021).

No século XIII, após os dois concílios de Latrão do século XII e o concílio de Latrão do século XIII, de 1215, São Tomás de Aquino classificou as relações homossexuais como um pecado grave. Diferente do que se vivera até então, quando as relações sexuais entre pessoas do mesmo sexo eram comuns ou apenas toleradas.

Nos primeiros tempos do catolicismo, a homossexualidade era tolerada nos mosteiros e paróquias. A virada aconteceu no século XIII, quando São Tomás de Aquino, em sua obra mais famosa, a Suma Teológica, classificou as relações entre pessoas do mesmo sexo como um pecado mais grave do que o adultério. Desde então, a doutrina só foi ficando mais rígida, até abranger especificamente os sacerdotes — que teoricamente não exercitam sua sexualidade e em quem, pela lógica, a orientação hétero ou homossexual não faria diferença (Ferraz; Braun, 2021, s/p).

Observa-se que a questão do celibato mais focado nos padres é importante, também, pelo fato do celibato proibir que esses tenham relações sexuais com outras pessoas, independente desses sacerdotes serem heterossexuais, bissexuais ou homossexuais. A questão do celibato tem a ver com os padres terem mais tempo voltado apenas para a igreja, pela teologiadade São Tomás de Aquino (Varazze, 2021, p.14), e não poderem ter vida sexual, o que é uma necessidade da natureza de muitos seres vivos, incluindo os seres humanos, pois a relação sexual não é necessária, mas quando consentida e desejada, é benéfica tanto física quanto mentalmente. O sexo é uma fonte de prazer físico e mental, e esse prazer tem muitas consequências benéficas de vários pontos de vista, tanto orgânica quanto psicologicamente (Lara, 2022, s/p).

É controverso e um tanto surpreendente saber que São Tomás de Aquino fez com que a homossexualidade se tornasse algo abominável para a humanidade durante e após o final da Idade Média. E mais ainda saber que ele atribuiu a Deus o fato da intolerância aos homossexuais, visto que ele, São Tomás

de Aquino, foi um dos maiores filósofos e teólogos de toda a história ocidental, sendo que a ele se atribui a “descoberta” e criação da palavra “ensino”, como a conhecemos atualmente (Aquino, 2000, p. 32 *apud* Gomes, 2020, s/p).

Extraíndo-se do volume 2 de sua obra *Suma Teológica* (Correia, 2016), a Questão 31 – Do prazer em si mesmo, Artigo 7 – Se há algum prazer inatural, temos o seguinte:

SOLUÇÃO: Chama-se natural ao que é conforme à natureza, como diz Aristóteles. Ora, a natureza no homem pode ser considerada à dupla luz. – Primeiro, enquanto intelecto e a razão constituem, por excelência, a natureza humana, a esta é que o coloca numa determinada espécie. E a esta luz, podem-se chamar prazeres naturais aos homens aqueles que lhes convêm de conformidade com a razão; assim, é natural ao homem deleitar-se com a contemplação da verdade e com os atos virtuosos. – Num segundo ponto de vista, a natureza no homem é aquilo que confina com a razão, i.e., que lhe é comum com os animais, e sobretudo que não obedece à razão. E a esta luz o que diz respeito à conservação do corpo, individualidade, como, a comida, a bebida, o sono e coisas semelhantes; ou, especificamente, como a atividade sexual, tudo isso é considerado como naturalmente deleitável ao homem (Correia, 2016a, p.206-207).

São Tomás de Aquino deixa claro, na citação anterior, que tudo o que não for natural à natureza humana não vem de Deus. Em relação à homossexualidade, na citação seguinte, ele afirma:

Quanto à alma, quando alguém, por costume, se deleita em comer carne humana; no coito bestial ou com indivíduos do mesmo sexo; ou em coisas semelhantes, que não são conforme a natureza humana (Correia, 2016a, p.207)

Já no volume 3 da mesma obra (Correia, 2016b), Questão 15 – Das partes da luxúria, Artigo 11 – Se o vício contra a natureza é uma espécie de luxúria, São Tomás de Aquino exprime o seguinte sobre o pecado da Luxúria:

O undécimo discute-se assim. – Parece que o vício contra a natureza não é uma espécie de luxúria.

1. Pois, na referida enumeração das espécies de luxúria, nenhuma menção se faz do vício contra a natureza. Logo, não é uma espécie de luxúria.

2. Demais. – A luxúria se opõe à virtude e, assim, está incluída na malícia. Ora, o vício contra a natureza implica atos dos quais não resulta a geração humana. Logo o vício contra a natureza não é uma espécie de luxúria.

3. Demais. – A luxúria implica atos ordenados à geração humana, como do sobredito resulta. Ora, o vício contra a natureza implica atos dos quais não resulta a geração humana. Logo o vício contra a natureza não é uma espécie de luxúria.

Mas, em contrário, o Apóstolo (2Cor 12, 21) o enumera entre as outras espécies de luxúria, quando diz: E não fizeram penitência da imundície e fornicação e desonestidade; o que comenta a Glosa: A imundície, isto é, a luxúria, é contra a natureza (Correia, 2016, p.869).

Aqui, podemos entender a questão da geração humana como a reprodução humana que não seria possível entre pessoas do mesmo sexo. Isso, claro, segundo o conhecimento disponível no século XIII, quando São Tomás de Aquino viveu, diferente do XXI, no qual nós vivemos, quando é possível, sim, casais do mesmo sexo terem filhos biológicos por meio da chamada barriga de aluguel e da inseminação artificial, utilizando o material genético dos progenitores do mesmo sexo.

SOLUÇÃO. Como dissemos, há sempre uma espécie determinada de luxúria, quando ocorre uma deformidade de natureza especial, que torna repugnante o ato venéreo. O que pode se dar de dois modos. Primeiro, quando repugna à razão reta – o que é comum a todos os vícios de luxúria. – De outro modo, quando, além disso, também repugna à ordem natural dos atos venéreos, tal como a exige a espécie humana; o que constitui o vício contra a natureza. E pode se dar de muitos modos.

– Primeiro, quando, sem qualquer concúbito, provoca-se a poluição por causa do prazer venéreo, o que constitui o pecado de imundícia, chamado por outros molícia.

– Segundo, quando é praticado o concúbito com um ser de espécie diversa, e se chama bestialidade.

– Terceiro, quando há o concúbito com o mesmo sexo, por exemplo, de homem com homem ou de mulher com mulher; como diz o Apóstolo (Rm 1, 26-27); ao que se chama vício sodomítico (Correia, 2016b, p.869-870).

Na citação anterior, fica claro que a prática de relações sexuais entre pessoas do mesmo sexo foi considerada, por São Tomás de Aquino, um pecado contra a natureza humana. A seguir, a resposta às três objeções apresentadas.

RESPOSTA À PRIMEIRA. – A enumeração referida cita as espécies de luxúria que não repugnam à natureza humana. Por isso, omite o vício contra a natureza.

RESPOSTA À SEGUNDA. – A bestialidade difere da malícia, oposta à virtude humana por um certo excesso atinente à matéria idêntica.

RESPOSTA À TERCEIRA. – O luxurioso não visa a geração humana, mas o prazer venéreo; o qual se pode gozar sem os atos de que resulta a geração. E isto é o que se dá com o vício contra a natureza (Correia, 2016b, p.870)

Dessa forma, fica claro que o “pecador” da luxúria, aqui envolvendo as pessoas que se relacionam com o mesmo sexo, não se importam, segundo São Tomás de Aquino, com a procriação (geração) humana, mas apenas com o prazer. Fazendo, assim, do pecado da luxúria em relação ao que hoje chamamos de homossexualidade, um ato antinatural, ou seja, contra a natureza humana, por entender (São Tomás de Aquino), a partir da constatação do autor desse artigo, que todos os seres humanos pudessem ser exclusivamente homossexuais.

Mesmo que todos os seres humanos fossem homossexuais, atualmente há outros mecanismos científicos para a reprodução humana, os quais não necessitam da relação sexual entre o ser humano biologicamente feminino com ovários, trompas, óvulos, vagina e útero, e um ser humano biologicamente masculino, com testículos, saco escrotal, sémen/espermatozoides e pênis. Mecanismos esses que, infelizmente, não são aceitos pela Igreja Católica Apostólica Romana, sobre o pretexto de estarmos brincando de sermos Deus, ou seja, dando ou tirando a vida de alguém, como também é no caso do aborto.

Dessa forma, no século XXI não há mais, devido ao conhecimento disponível, sustentabilidade para a colocação de São Tomás de Aquino lá no século XIII d.C., cerca de 800 anos atrás, de que a homossexualidade é um atentado contra a natureza. Mas há espaço para as colocações feitas mais adiante neste artigo, de que a proibição de nos relacionarmos com pessoas do mesmo sexo está atrelada à influência da cultura, no caso aqui, aos dogmas religiosos.

São Tomás de Aquino pregava o conhecimento concreto e não um suposto “achismo” sobre o que Deus acharia dos homossexuais, deixando mais claro ainda que a Bíblia Sagrada Cristã que conhecemos na atualidade foi escrita por pessoas comuns que não o próprio Jesus Cristo, após sua existência física. E sua interpretação também foi feita por essas pessoas de acordo com as suas próprias convicções, exemplificado no caso de São Tomás de Aquino, que era um simples mortal e mais tarde foi canonizado como Santo pela Igreja Católica, mas, infelizmente, fez um desserviço ao amor entre pessoas do mesmo sexo, o que é controverso, pois defendia o conhecimento concreto.

Em 2005, logo após a morte do Papa João Paulo II, o cardeal alemão Joseph Ratzinger foi escolhido como o novo sumo pontífice (sob a alcunha de Papa Bento XVI), tendo sido um de seus primeiros atos a publicação da normativa que está em vigência até a atualidade (2024) e que proíbe a nomeação de padres gays. Dessa forma, quando chegam a ser Diáconos (estágio antes de se tornarem padres), os futuros sacerdotes demoram cerca de 3 anos para se tornarem padres, justamente para serem observados se conseguirão ou não inibir suas vontades e desejos, especialmente aqueles que forem gays (Ferraz; Braun, 2021).

Voltando ao passado do cristianismo, em seus primeiros séculos, uma curiosa e importante informação foi descoberta pelo historiador John Boswell, que cita em sua obra “*Same-Sex Unions in Pre-Modern Europe*” (União Homossexuais na Europa Pré-moderna, em tradução livre), a descoberta de dois santos católicos do séc. IV d.C., chamados Sérgio e Baco, que eram soldados romanos (Boswell, 1994, *apud* Veiga, 2020). Essa constatação por parte do autor foi feita a partir de um relato grego, do século V d.C., e a de um ícone representando os dois, datado do século VII d.C. Para Boswell (1994, *apud* Veiga, 2020), havia clara demonstração que os soldados eram unidos por laços homoafetivos.

Martinho Lutero (1483-1546)

No século XVI d.C., mais precisamente em 31 de outubro de 1517, o monge alemão Martinho Lutero fixou na porta da Igreja de Wittemberg, na Alemanha, o que ficou conhecido como as 95 Teses. Tais teses tinham o intuito de criticar a venda de indulgências (pagamentos pelo perdão dos pecados) praticada pela Igreja Católica naquela época, isso gerou o que ficou conhecido como Reforma Protestante.

Em suas 95 Teses, Lutero não fala sobre a homossexualidade ou cria especificamente uma tese expressando que os homossexuais são seres que merecem respeito e/ou têm o mesmo direito ao amor que

os casais heterossexuais tinham naquela época. Mas duas de suas teses, aos olhos e entendimento do autor do presente artigo, poderiam incluir as práticas homossexuais como não sendo dignas de punição no período de Lutero, ou seja, o período renascentista.

Para entendermos, citam-se aqui a tese de nº 20 e a tese de nº 34 de Lutero (1517).

20 - Portanto, sob remissão plena de todas as penas, o papa não entende simplesmente todas, mas somente aquelas que ele mesmo impôs (site luteranos.com.br, s/d).

34 - Pois aquelas graças das indulgências se referem somente às penas de satisfação sacramental, determinadas por seres humanos (site luteranos.com.br, s/d).

Nas duas teses, Lutero (1517) deixa claro que o Papa não entende todas as penas (punições), somente entende aquelas que o próprio Papa impôs (Tese de nº20). Já na tese de nº 34, Lutero (1517) fala que os benefícios que as indulgências proporcionavam a quem as comprava eram determinados, ou seja, inventados por seres humanos, o que vai ao encontro à Tese de nº 24, quando Lutero (1517) pontua que o povo está sendo ludibriado por tais benefícios.

Ao mesmo tempo que Lutero (1517) pontua que o ser humano, no caso o Papa, é quem dita tais regras e as consequentes penas para a quebra de cada uma dessas regras sociais, interpreta-se que os gays da época de Lutero e os da época do autor desse artigo (2024) também estão sendo ludibriados, visto que o que os concílios de Latrão dos séculos XII e XIII, e a própria Bíblia Sagrada (até certo ponto) atual (2024) dizem, foram escritos por pessoas que sequer conheceram Jesus Cristo em vida. Embora seja relatado que Jesus teve 12 apóstolos, sendo que nenhum deles escreveu os textos bíblicos, foram transcritos da tradição oral muitas décadas depois da morte de Cristo e seus primeiros discípulos, incorporando elementos (conceitos e preconceitos) das gerações posteriores. E assim por diante, até a Bíblia Sagrada Cristã que conhecemos.

Como na Igreja Católica a figura do Papa é representada como o sucessor de São Pedro e chefe da Igreja, suas colocações podem ter um peso que as aproximaria do que poderia ser vista como uma contribuição de um herdeiro da função dos apóstolos, tendo muito peso sobre diferentes questões no terreno da vida em sociedade. Porém, nada impede que façamos o questionamento postulado acima.

Lutero (1824, *apud* Roper, 2016) agora sim, anos mais tarde, abordou sobre a sexualidade, ao escrever para um grupo de freiras dizendo que elas foram criadas por Deus com fortes necessidades sexuais e que era perigoso ignorar isso (Roper, 2016, p. 281). Embora as 95 Teses de Lutero não falem sobre a sexualidade humana, não se pode descartá-las. Em especial, as de número 20 e 34, pois, apesar de Lutero afirmar, em correspondências com o seu velho amigo Spalatin quando estava no castelo de Wartburg na Alemanha, que não tinha desejos sexuais e que o casamento não era para ele (Roper, 2016, p. 281), suas teses certamente foram úteis para a comunidade homossexual dos séculos XV e XVI d.C. na Europa. Isso ao menos no papel, uma vez que elas criticavam o poder da Igreja Católica Apostólica Romana, o que incluía as regras criadas pelo Papa (do Vaticano), sobre a proibição de padres se relacionarem com outras pessoas e, nas entrelinhas, o relacionamento entre pessoas do mesmo sexo.

Essa população da Europa dos séculos XV e XVI., e contemporânea a Martinho Lutero (1483-1546), incluía o grande expoente italiano Leonardo Da Vinci (1452-1519), que faleceu pouco menos de 2 anos após a exposição das 95 Teses de Lutero. Assim como Lutero (Roper, 2016), porém, por meio da opinião de estudiosos, Da Vinci decidiu excluir o sexo de sua vida, preferindo viver uma vida assexuada (Smith, 2022).

Da Vinci (Smith, 2022) não nos deixou qualquer prova conhecida de que era homossexual. Contudo, segundo Smith (2022), ele deixou várias provas circunstanciais de que realmente era homossexual por meio de suas obras, como por exemplo, a obra *Angelo Incarnato* (Anjo Encarnado), onde se é possível visualizar até mesmo uma ereção (Smith, 2022).

Na Itália renascentista, época em que Da Vinci viveu, a homossexualidade não era incomum. Contudo, a Igreja Católica condenava os atos homossexuais, inclusive, com a morte na fogueira, mas essa lei de proibição era aplicada apenas à parte mais vulnerável da população, diferentemente para quem fazia parte da aristocracia na época (Smith, 2022).

Segundo Smith (2022), entre os anos de 1430 e 1505 d.C., cerca de dois mil cidadãos de Florença, na Itália, foram condenados por serem homossexuais, sendo que parte deles foi realmente executada. Os que não foram executados passaram por vários tipos de provações públicas, multas, a estigmatização e exílio (Smith, 2022, p.142). Entre as décadas de 1460 e 1470 d.C., Da Vinci esteve envolvido em alguns escândalos

relacionados a sua sexualidade, tendo escapado das acusações em algumas dessas ocasiões graças à intervenção da poderosa família Médici, que tinha um membro de sua família envolvido em situações de escândalo de cunho sexual (Smith, 2022).

Da Vinci foi acusado de ter relações com seus mestres das artes plásticas, assim como com seus aprendizes. Um desses aprendizes foi Paolo de Leonardo da Vinci da Firenze (seu aprendiz e não seu filho como o nome pode sugerir), em 1479. Paolo foi exilado e passou 6 meses de detenção fora de Florença. A pena foi tipificada como degradação moral e foi imposta por Lourenço de Médici (Smith, 2022).

Algumas considerações importantes sobre o entendimento da homossexualidade na contemporaneidade

Muitas espécies de animais e insetos têm comportamentos homossexuais entre seus membros. O biólogo e naturalista inglês Charles Robert Darwin (1809-1882) aponta que não somos mais evoluídos do que outros animais. Apenas somos organismos mais complexos e que, tal como se observa conosco, os animais também apresentam comportamentos homossexuais e/ou que divergem da heteronorma (Mesquita, 2011, p.146).

Michel Foucault (1926-1984) foi um importante historiador, filósofo e crítico literário francês, bem como, homossexual, que viveu no século XX e que escreveu uma de suas mais célebres obras chamada de “História da Sexualidade”. O filósofo cita, no primeiro volume da referida obra, intitulado “A vontade de saber”, o artigo de Westphal, publicado em 1870, como a possível data de nascimento da escrita científica (psicológica, psiquiátrica e médica) sobre a homossexualidade, citando-a como “sensações sexuais contrárias” (Foucault, 2022, p.48).

Sobre a ligação da sodomia e homossexualidade, Foucault (2022), expressa:

A homossexualidade apareceu como uma das figuras da sexualidade quando foi transferida, da prática da sodomia, para uma espécie de androgenia interior, um hermafroditismo da alma. O sodomita era um reincidente, agora o homossexual é uma espécie (Foucault, 2022, p.48).

Dessa forma, Foucault (2022, p.48) deixa claro que a não aceitação e até mesmo o respeito por parte das pessoas heterossexuais (sociedade visível, ou seja, a sociedade normalmente aceita sem sofrer preconceitos), está atrelada à falta de vontade dessa sociedade (pela imposição do domínio de certas “verdades”) de querer aceitar essa forma de manifestação sexual que é tão comum na natureza quanto a heterossexual. A partir do século XIX, segundo Foucault (2022), a homossexualidade passou a ser vista como uma “espécie”. Mas pelo que podemos interpretar aqui, uma “espécie” com características próprias em meio à natureza humana, assim como a já aceita “espécie” heterossexual.

É inegável que o discurso científico sobre o sexo, no século XIX, era transpassado de credulidades imemoráveis e também de ofuscações sistemáticas: recusa de ver e ouvir, mas – e, sem dúvida, nisso está o ponto essencial – recusa que se referia àquilo mesmo que se fazia aparecer, cuja formulação se solicitava imperiosamente. Pois só pode haver desconhecimento sobre a base de uma relação fundamental com a verdade. Esquivá-la, barrar-lhe o acesso ou mascarar-la são táticas locais que surgem como que em sobreposição, e através de um desvio de última instância, para dar forma paradoxal a uma petição essencial de saber. Não querer reconhecer ainda é uma peripécia da vontade de verdade (Foucault, 2022, p.62).

Nesse sentido, Foucault (2022, p.61) pontua que o sexo na humanidade respeita a duas formas de pensar. A primeira, que o sexo respeita a normalidade científica geral, ou seja, livre; e a segunda, que o sexo é obediente a regras de origens diversas, ou seja, da cultura em que cada ser humano está inserido.

Na atualidade, o professor israelense Yuval Noah Harari segue a mesma linha de raciocínio de Foucault: olhando para os séculos XIX e XX, Harari (2019), já no século XXI, fala que sexo é brincadeira de criança, mas gênero, é coisa séria (Harari, 2019, p.158). Assim, complementa o autor:

Conseguir ser um membro do sexo masculino é a coisa mais simples do mundo. Basta nascer com um cromossomo X e um Y. Ser um indivíduo do sexo feminino é igualmente simples. Um par de cromossomos X resolve o assunto. Por outro lado, ser homem ou ser mulher é uma tarefa muito complicada e exigente (Harari, 2019, p.158).

Harari (2019) também pontua indo ao encontro de Foucault (2022) sobre que o sexo é obediente às regras diversas. Para Harari (2019),

Como a maior parte das qualidades masculinas e femininas são culturais, e não biológicas, nenhuma sociedade coroa automaticamente cada pessoa do sexo masculino como homem e

cada pessoa do sexo feminino como mulher (Harari, 2019, p. 158).

Sobre a constante pressão que os indivíduos do sexo masculino e do sexo feminino sofrem e sofreram ao longo da história, ao menos desde que o patriarcado se tornou um modelo de família a ser seguido a partir da Revolução Agrícola no período Neolítico (por volta de 7.000 a.C.), Harari (2019) pontua que:

Os indivíduos do sexo masculino precisam provar sua masculinidade constantemente durante toda a sua vida, do berço ao túmulo, em uma série interminável de ritos e performances. E o trabalho de uma mulher nunca tem fim – ela deve, continuamente, convencer a si mesma e aos demais de que é feminina o bastante (Harari, 2019, p. 158).

Na continuação, Harari (2019), sobre o sexo masculino em especial, fala que os seus indivíduos vivem em constante temor de perderem sua afirmação de masculinidade (Harari, 2019, p.158). Assim, Harari (2019) dá o exemplo daqueles homens que durante a história humana arriscaram e perderam a vida apenas para que dissessem “Ele é um homem de verdade” (Harari, 2019, p.158).

Outro ponto destacado pelo professor israelense são os conceitos de “natural” e de “não natural”. No caso em questão, a homossexualidade é considerada “não natural”, pois os órgãos do corpo são utilizados de forma diferente daquele objetivo criado por Deus (Harari, 2019, p.155). Mas também, segundo Harari (2019), os órgãos não evoluíram com um propósito e seus respectivos usos estão em constante modificação (p.155). Os órgãos de fato têm uma ou mais funções específicas, mas após a realização dessas funções, os órgãos podem ser adaptados para outras funções (Harari, 2019, p.155).

Assim como para Harari (2019), em que cultura é responsável por uma pessoa se identificar como homem ou mulher, pode-se identificar de qualquer outra forma, em se tratando de orientação sexual, para o neurologista e psiquiatra austríaco Sigmund Freud (1856-1939), a cultura se baseia na obrigação ao trabalho e na renúncia às pulsões (Freud, 2021, p.33). Pulsões aqui significam impulsos, ou seja, estímulos corporais do psiquismo, no caso aqui, de estímulos sexuais. Na obra “O futuro de uma ilusão”, publicado em 1928, Freud, corroborando com o pensamento do autor desse artigo, afirma que a religião está mais próxima da ilusão. Já a ciência, para Freud, é a realidade (Freud, 2021).

Para o autor deste artigo, as regras ditadas pela religião são promulgadas por pessoas, cujas orientações podem não ter se baseado na maneira como Jesus Cristo e os apóstolos tratavam as questões da sexualidade, em especial a homoafetividade (como já se questionou nesse artigo); além das interpretações trazidas aqui sobre as teses de Lutero. Cabe aqui então uma interrogação: será que Jesus Cristo, enquanto uma divindade, discriminaria ou reprovava os relacionamentos ou práticas sexuais entre pessoas do mesmo sexo? Especialmente homossexuais masculinos (ou os gays em uma palavra mais contemporânea)? Além de que poderíamos ainda acrescentar, para tornar o assunto mais desafiador, que a conceituação de homossexualidade, como a conhecemos hoje, não existia em tempos idos, já que enquanto identidade sexual, com características próprias, foi uma criação da medicina sexual higienista do século XIX (Foucault, 2022).

Sociologia, Filosofia e Romance por trás da Homossexualidade

Os termos trazidos pelo professor Harari (2019) de “natural” e de “não natural”, podemos relacioná-los ao que o filósofo grego Aristóteles (Vallandro; Bornheim, 1991) fala sobre as virtudes. A virtude para Aristóteles é algo que remete a fazer coisas boas, por exemplo, ajudar ao próximo sem esperar algo em troca.

O “natural” trazido por Harari (2019) podemos relacionar à virtude da “moral”, comentada já há milênios por Aristóteles (Vallandro; Bornheim, 1991). A moral é uma virtude. Mas para que essa virtude continue sendo uma virtude, ela deve ser praticada com constância e sabedoria.

Algo “não natural”, suscitado pelo professor Harari (2019), pode ser entendido como um “vício”, proposto por Aristóteles (Vallandro; Bornheim, 1991), mas sem que haja de fato uma ligação entre o “não natural” de Harari (2019) com o “vício”, cujo último significa agir mal. Já o “não natural”, como aponta o professor Harari (2019) em relação ao sexo, não seria contra a natureza, do contrário, não haveria no mundo homens e mulheres com tais desejos e necessidades de se relacionar sexualmente com alguém do mesmo sexo. Assim, podemos dizer que o vício é o que se entende por ações negativas, não boas. Dessa forma, como a homossexualidade é tida como algo ruim, uma atitude ruim, essa seria não natural, portanto,

um vício.

Na obra “Reis que amaram como rainhas”, Fernando Bruquetas de Castro (2010) defende que a relação sexual tem o objetivo de saciar o apetite sexual, contrariando a ideia vigente de que o sexo visava à procriação “natural”, sendo então considerado antinatural e não aceitável que as pessoas fizessem sexo com pessoas do mesmo sexo (Castro, 2010, p.19). No século XIX, assim que começou a serem publicados os primeiros escritos científicos sobre a homossexualidade, conforme apontou Foucault (2022), a historiadora brasileira Mary Del Priore (2014) relata que ocorreu uma mudança paradigmática, na qual o homossexual deixa gradativamente de ser visto com um pecador e passa a ser encarado como um doente, a quem era preciso tratar (Priore, 2014, p.95).

Um olhar que Priore nos direciona, agora não da área da saúde, mas sim da do direito, é o caso do professor da Faculdade de Direito do Rio de Janeiro, José Viveiros de Castro, que em 1894 publicou a obra “Atentados ao pudor: estudos sobre as aberrações do instinto sexual” (Castro, 1894, *apud* Priore, 2014, p.95). O referido professor de Direito, em sua obra, utilizou pela primeira vez o termo pejorativo “frescos”, para se referir aos homens *gays* daquela época.

Em certo momento da obra (Castro, 1894 *apud* Priore, 2014, p.95) descreveu esses homens “frescos” da cidade do Rio de Janeiro, capital do Brasil naquela época, da seguinte forma:

Um destes frescos, como eram eles conhecidos na gíria popular, tornou-se célebre pelo nome Panela de Bronze. Vestia-se admiravelmente de mulher, a ponto de enganar os mais perspicazes. Dizem que chegou a adquirir alguma fortuna por meio de sua torpe indústria e que era tão grande o número de seus frequentadores pessoas de posição social, que era necessário pedir com antecedência a entrevista (Castro, 1894 *apud* Priore, 2014, p.95).

Membros da classe médica da época, como Ferraz de Macedo também, fizeram suas considerações e escreveram sobre o tema “homossexualidade masculina”, combinando a tradicional aversão moral e religiosa ao homoerotismo, como na ideia vigente de que a homossexualidade se devia a distúrbios psicológicos (Priore, 2014, p.95). Essas intenções de descrever de forma pejorativa e estigmatizar os *gays*, infelizmente era uma realidade, assim como era, a título de curiosidade, para muitos criminólogos brasileiros do início do século XX, os quais diziam que delinquência tinha “rosto”, descrevendo, assim, as características físicas faciais que supostamente revelariam se um indivíduo era delinquente ou não.

Muitos estudos para se entender e até propor a cura para a homossexualidade foram feitos, em especial, a partir do século XIX. Contudo, um em especial realizado no Brasil, por criminólogos na década de 1930, chama mais a atenção. A pesquisa “Homossexualismo e Endocrinologia”, do médico legista brasileiro Leonídio Ribeiro (1893-1976), relacionava a homossexualidade à delinquência. Sua pesquisa investigou muitos aspectos sobre os hábitos dos homossexuais, incluindo o tamanho de cada parte dos corpos dos indivíduos mais afeminados, resultando em fotografias de seus corpos nus e uma tabela com as características físicas desses (Green, 2019, p.213-215).

Em relação à família, em especial aos homens *gays* adultos, Green (2019) fala que para muitas famílias, tudo bem ter um filho *gay*, desde que o indivíduo não fosse abertamente efeminado (p.37). Assim,

Para tantos outros homens, o casamento e os filhos, escapadas homossexuais à parte, tornam-se a resposta às constantes pressões sociais para que constitua uma família e se conforme às normas sociais (Green, 2019, p.37).

A questão das normas sociais é um assunto tenso, uma vez que não somente os *gays* ainda não assumidos, seguem essas normas e se envolvem em situações críticas que podem não só impactar negativamente a si como a outros familiares, como esposa e filhos. Porém, esse enquadramento às normas sociais heteronormativas é também cobrado de pessoas neurodivergentes, como é o caso do autor desse artigo, que além de ser *gay*, possui o Transtorno do Espectro Autista (TEA), sendo constantemente cobrado para que siga o “padrão das relações sociais” com outras pessoas, inclusive na Faculdade de Direito onde estuda no Brasil. Essa faculdade é uma das mais antigas do país e não respeita os direitos estabelecidos em convenções internacionais propostas pela Organização das Nações Unidas (ONU), das quais o Brasil é signatário, nem as legislações nacionais sobre questões relacionadas à neurodiversidade. Há uma insistência em suas aulas no sentido da pregação de um ideal a ser seguido (inclusivo) e o que não deve ser seguido (exemplo: caracterizar facialmente os delinquentes, nas aulas de criminologia), mas nos bastidores e no trato com seus acadêmicos diferentes é justamente dessa forma que as coisas acontecem, ou seja, uma postura opressora.

Em 1895, o brasileiro cearense Adolfo Caminha escreveu o que provavelmente seja o primeiro livro do gênero romance com a temática *gay*. A obra se chama “Bom-Criolo”, a qual conta a história de dois homens, um branco e um negro, que se apaixonam. Assim como Chiquinha Gonzaga foi um escândalo para a sua época, por ser uma mulher pianista que pagava as próprias contas entre os séculos XIX e XX; assim como o gênero musical e dançante, o Tango, foi considerado uma música e uma dança eróticas e imoral no início do século XX, o romance homoerótico de Caminha (1895), também foi considerado um escândalo e ousado para a época em que foi escrito e publicado.

Ao longo do século XX, também tivemos grandes mudanças no cenário mundial. Em meados do ano de 1978, em Los Angeles, nos Estados Unidos da América (EUA), cinco jovens homossexuais masculinos chegaram a hospitais daquela cidade apresentando uma rara infecção para a época (Paiva, 1987. p.5). Na década seguinte, isto é, a de 80, essa infecção se espalhou por todos os continentes globais e passou a se chamar AIDS.

A AIDS apavorou o mundo, destróçou famílias e repartiu a opinião pública se ela era mesmo a “peste *gay*” (como foi rotulado e logo refutada, ainda na década de 80) e se era transmitida pelo mais simples dos toques entre uma pessoa sem o HIV, vírus que causa a AIDS, com uma pessoa que possui o vírus. Até que, em 1987, no Reino Unido, a Princesa Diana chocou e deu um grande exemplo de quebra de paradigmas e de humanidade ao apertar a mão de um homem com AIDS, que estava perto da morte, sem utilizar nenhum tipo de proteção recomendada na época (Morton, 2014). Esses tipos de acontecimentos e tantos outros foram aos poucos mudando a visão das pessoas sobre a homossexualidade masculina; as interpretações sobre as concepções religiosas ainda persistem, mas a ciência resiste e vai abrindo os caminhos para que a homossexualidade seja aceita como uma manifestação legítima da identidade sexual e de gênero.

Considerações Finais

Ante o exposto nesta pesquisa, responda-se à pergunta norteadora dela: a Bíblia Sagrada, como representante das palavras de Deus, discrimina e condena a homossexualidade masculina (os *gays*)? Não é possível afirmar com exatidão se Deus, com base na Bíblia e em outros textos correlatos discrimina e condena ou não ama os *gays*. Se ele respeita ou não respeita os *gays*.

O que é possível se afirmar é que não há provas cabais de que Deus, por meio dos escritos bíblicos, discrimina e condena os *gays*, visto que a Bíblia Sagrada, como mostrado nesse artigo, foi escrita por pessoas que viveram após a existência de Deus, na forma de Jesus, como simples mortais aqui na Terra. Sendo assim, os escritos dessas pessoas refletem muito os seus respectivos pensamentos e contextos sociais nos quais estavam inseridos em cada um de seus momentos de existência na história - uma vez que a anatomia do sexo é a biologia que dita; já o gênero, é a cultura onde o indivíduo está inserido que dita as regras a serem seguidas, segundo Harari (2019).

Dessa forma, esse autor acredita que os ensinamentos de Deus/Jesus Cristo que foram passados e repassados ao longo dos séculos, não sofreram apenas o efeito “telefone sem fio”, mas também sofreram distorções contextuais intencionais para que a Bíblia Sagrada servisse como uma espécie de Lei a ser seguida pelos povos da humanidade, como se fosse uma Constituição e/ou um Código Penal a serem respeitados.

É importante que haja um equilíbrio entre a ciência e a religião. Pode ser arriscado dizer isso, mas após os trazidos no escopo deste artigo, podemos deduzir que a ciência cuida do corpo físico dos indivíduos e da consciência. Já a religião, cuida da Alma, do espírito da pessoa, bem como, também da consciência, mas não do corpo. Por outro lado, em uma sociedade laica, é a ciência que deve estabelecer as orientações para o julgamento de questões controversas, onde se entrecruzam suas contribuições e os dogmas religiosos. Há muitos anos a teologia perdeu seu lugar de destaque, para influenciar a vida das pessoas, em uma sociedade que se pretenda a ser laica, desde a época do Iluminismo. Porém, isso não significa que boa parte da população não sofra forte influência das posições assumidas, em diferentes religiões, em assuntos relacionados à sexualidade.

Contudo, por todos os testemunhos que se têm conhecimento (públicos) no mundo atual, ao menos os testemunhos que se encontrou para trazer neste artigo, não é possível afirmar se Deus odiaria ou não os *gays*, lésbicas, transsexuais, bissexuais e todos os membros da comunidade LGBTQIAPN+, visto que quem

escreveu a bíblia foram pessoas que viveram com Jesus Cristo ou depois de seu tempo (Exceto o evangelista Lucas que viveu a sua época, mas que não o conheceu). Assim, essas pessoas posteriores a Deus/Jesus interpretaram os ensinamentos passados de geração em geração com base nas suas convicções de mundo, em suas respectivas épocas e localidades globais de suas existências. Assim, essas pessoas posteriores a Deus/Jesus interpretaram os ensinamentos passados de geração em geração com base nas suas convicções de mundo, em suas respectivas épocas e localidades globais de suas existências. Todos somos de fato irmãos, segundo Charles Darwin (Mesquita, 2011), por meio do organismo “progenoto” que surgiu há cerca de 3,8 bilhões de anos e teria dado início à vida de tudo o que conhecemos na terra (p.146). Portanto, também temos parentesco com os animais, plantas e vegetais. Sendo assim, não há nada de antinatural em não ser um ser humano heterossexual, visto que também no reino animal a homossexualidade é algo natural.

Estamos no mundo para aprendermos a conviver e vivermos com nossas diferenças. Somos mortais, erramos, mas também aprendemos. É necessário o convívio social para se haver mudanças. Muitos gays sofreram ao longo da história por censura, discriminações, humilhações, violências dos mais variados tipos, sendo até condenados à morte em fogueiras, campos de concentração e de serem impedidos de amar a quem quisessem. Religiões, interesses políticos e/ou econômicos e sociais lhes impuseram, em diferentes épocas e contextos sociais, um lugar de impuros (religião), doentes (ciência) ou desajustados (sociedade).

Em 18 de dezembro de 2023, o Vaticano, por meio de seu pontífice que, pelo documento “Fiducia Supplicans”, concedeu a benção papal a casais do mesmo sexo, porém, sem alterar a doutrina tradicional da Igreja Católica Apostólica Romana sobre o casamento. Assim, a benção papal a casais do mesmo sexo não pode ser confundida com o casamento (BBC News Brasil, 18/12/2023). Será que poderíamos considerar a benção papal a casais do mesmo sexo o início de um possível retorno às liberdades sexuais e de amar a quem desejássemos, iguais a que se tinham anteriores ao Concílio de Latrão de quase mil anos atrás?

Atualmente, graças às constantes mudanças de mentalidade com os avanços das contribuições científicas e de novos paradigmas nas sociedades, como o exemplo da benção papal para casais do mesmo sexo, talvez pareça que, em tese, atitudes de intolerância e ideias a respeito da homossexualidade não caibam mais. Esperemos para conferir tudo com o caminhar dos tempos.

Referências

BBC NEWS BRASIL. *Papa Francisco autoriza benções a casais do mesmo sexo: entenda*, 2023. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/articles/cw0d4r2y6ero#:~:text=Papa%20Francisco%20autoriza%20ben%C3%A7%C3%A3os%20a%20casais%20do%20mesmo%20sexo%3B%20entenda,-Reuters&text=O%20Vaticano%20anunciou%20na%20segunda,Igreja%20Cat%C3%B3lica%20do%20p%C3%BAblico%20LGBTQIA%2B>. Acesso em: 28 fev. 2024.

CAMINHA, A. *Bom Criolo*. São Paulo: Martin Claret, 1895.

CASTRO, F. B. R. *Reis que amaram como rainhas*. Lisboa: A esfera dos livros, 2010.

CORREIA, A. (Tradutor). *Suma Teológica: volume 2*. Campinas: Ecclesiae, 2016.

CORREIA, A. (Tradutor). *Suma Teológica: volume 3*. Campinas: Ecclesiae, 2016.

DALBOSCO, H. (Org.). *Bíblia Sagrada*. São Paulo: Edições Paulinas, 1984.

DEBATE PARA O ESCLARECIMENTO DO VALOR DAS INDULGÊNCIAS. *Site luteranos.com.br, s/d*. Disponível em: https://www.luteranos.com.br/lutero/95_teses.html. Acesso em: 28 dez. 2022.

FERRAZ, R.; BRAUN, J. O tabu da homossexualidade entre os padres. *Revista Veja*, 2021. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/religiao/o-tabu-da-homossexualidade-entre-os-padres/>. Acesso em: 29 dez. 2022.

FOUCAULT, M. *História da sexualidade I: A vontade de saber*. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz & Terra, 2022.

FREUD, S. *O futuro de uma ilusão*. São Paulo: Martin Claret, 2021.

GIL, A. C. *Como elaborar projetos de pesquisa*. São Paulo: Atlas, 2002.

GOMES, M. M. A Filosofia teológica de Tomás de Aquino e sua importância para o processo educativo. *Revista de Educação Pública da Fundação*, Rio de Janeiro, v. 20, n. 3, 2020. Disponível em <https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/20/3/a-filosofia-teologica-de-tomas-de-aquino-e-sua-importancia-para-o-processo-educativo>. Acesso em: 01 abr. 2023.

GREEN, J. N. *Além do carnaval: a homossexualidade masculina no Brasil do século XX*. São Paulo: Editora Unesp, 2019.

HARARI, Y. N. *Sapiens: Uma breve história da humanidade*. Porto Alegre: L&PM, 2019.

HELMINIÁK, D. *O que a bíblia realmente diz sobre a homossexualidade*. São Paulo: Edições GLS, 1994.

LARA, J. M. V. *Meu corpo precisa de relações sexuais? Saiba o que diz a ciência*. *Jornal El País*, 2022. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/saude/ciencia/noticia/2022/10/meu-corpo-precisa-de-relacoes-sexuais-saiba-o-que-diz-a-ciencia.ghtml>. Acesso em: 28 fev. 2024.

LEON, H.W. V. *A História da Bíblia*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2020.

MESQUITA, A. C. *Darwin: o naturalista da evolução das espécies*. São Paulo: Editora Escala, 2011.

MINAYO, M. C. S. *Pesquisa Social*. Petrópolis: Vozes, 2002.

MORTON, A. *Diana: Sua verdadeira história em suas próprias palavras*. Rio de Janeiro: BestSeller, 2014.

MULCAHY, R. *Prayers for bobby*. Produção de Lifetime Channel. Estados Unidos: Daniel Sladek Entertainment Once Upon a Time Films Permut Presentations, 2009.

PAIVA, M. *AIDS: o que é? Como evitar?* São Paulo: Paulinas, 1987.

PRIORE, M. D. *Histórias Íntimas*. São Paulo: Planeta, 2014.

ROPER, L. *Martinho Lutero: Renegado e profeta*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2016.

SANTOS JUNIOR, P. E. A. *O que significa o celibato na Igreja Católica*. Site A12, 2021. Disponível em: <https://www.a12.com/redacaoa12/duvidas-religiosas/o-que-significa-o-celibato-na-igreja-catolica>. Acesso em: 28 dez. 2022.

SMITH, D. *Pensando como Da Vinci*. Caxias do Sul: Culturama, 2022.

VALLANDRO, L.; BORNHEIM, G. (Orgs.). *Aristóteles: Ética a Nicômaco*. São Paulo: Nova Cultural, 1991.

VARAZZE, J. *Legenda Áurea: vida de Santos*. São Paulo/SP: Companhia das Letras, 2021.

VEIGA, E. *Quando e por que a Igreja Católica passou a impor o celibato aos padres*. BBC News Brasil, 2018. Disponível: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-45489668>. Acesso em: 28 dez. 2022.

VEIGA, E. *Sérgio e Baco, os santos católicos que podem ter sido um casal gay da antiguidade*. BBC News Brasil, 2020. Disponível: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-54640170>. Acesso em: 29 mar. 2023.

VELLOSO, J. P. R. *Cristãos que se beijam*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

VERSÍCULOS SOBRE HOMOSSEXUALIDADE. *Site Bíblia on*, s/d. Disponível em: <https://www.bibliaon.com/homossexualismo/>. Acesso em: 25 dez. 2022.

Recebido em: 02/04/2023

Aprovado em: 22/09/2024